OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
ANO IX - EDIÇÃO 234
R$ 2 - DE 29/9 A 5/10/2005

O PROJETO REFORMISTA DO PT FRACASSOU

O BRASIL PRECISA DE UMA REVOLUÇÃO!

PÁGINAS 5, 6 E 7

CAMPO MAJORITÁRIO MANTÉM HEGEMONIA SOBRE MÁQUINA DO PT

PÁGINA 4

DOCUMENTÁRIO E LIVROS LEMBRAM OS 30 ANOS SEM VLADIMIR HERZOG

PÁGINA 9

MARXISMO: A ATUALIDADE DA LUTA PELO SOCIALISMO

PÁGINAS 10 E 11

PÁGINA DOIS

■ **FAXINA** *A presidência da República vai gastar R$ 1,7 milhões em materiais hidráulicos, entre eles 152 chuveiros e 130 válvulas de descarga. Será o bastante para retirar toda a lama?*

■ **PREMONIÇÃO** *Próximo à sede nacional do PT foi aberto um restaurante com sugestivo nome: Hábeas Corpus. Com esse nome, o restaurante poderia abrir uma filial dentro do STF.*

AMAZONAS EM CHAMAS

Em apenas um mês houve um aumento de 400% nos focos de queimadas no Amazonas. Entre 9 de agosto e 9 de setembro de 2005, foram registrados 1976 incêndios na floresta. No mesmo período do ano passado, haviam sido registradas 407 áreas com fogo. Vários municípios da região se encontram isolados, uma vez que as vias aéreas foram interditadas em função da grossa cortina de fumaça que compromete o vôo dos aviões. Esse é mais um triste capítulo da destruição da Amazônia durante o governo do PT.

PÉROLA

"Eu voltarei"

SEVERINO CAVALCANTI *em seu discurso de renúncia de seu mandato na Câmara dos Deputados. (Folha de S.Paulo 22/9/2005)*

ALPHAVILLE DA PF

Maluf continua reclamando muito das condições da carceragem da Polícia Federal. Reclama da comida e do tempo para tomar banho (de 3 minutos). As celas da carceragem são divididas em duas alas. A primeira é conhecida como Alphaville (nome de um condomínio de luxo paulista). A segunda, com um número maior de presos, é chamada de Alfavela. Os Maluf, é claro, estão em Alphaville.

CUIDANDO DA SAÚDE

O deputado José Janene (PP) deve pedir licença médica. Ele é um dos 16 deputados apontados como envolvidos no esquema de propinas no Congresso e alega ter uma grave doença cardíaca. Diante do risco de ser cassado, decidiu finalmente "cuidar da saúde". Ele não quer perder a boquinha e já consultou a Câmara sobre a possibilidade de se aposentar por invalidez.

CHARGE / *GILMAR*

SUBTERRÂNEOS DO CONGRESSO 1

Durante a sessão em que Severino Cavalcanti apresentou a sua renúncia, estudantes e professores da UnB (Universidade de Brasília), organizaram uma manifestação em defesa do ensino público e contra a corrupção. Após o término do discurso de Severino, ecoou o grito nas galerias: "cai fora, Severino. Já vai tarde". Sem hesitar, José Thomas Nono (PFL), que assumiu o lugar de Severino, mandou a segurança esvaziar as galerias. Foi a senha para que os seguranças baixassem o sarrafo nos manifestantes. Entre socos e chutes, sobraram agressões até para fotógrafos.

Estudante apanha

SUBTERRÂNEOS 2

Os seguranças conseguiram retirar três estudantes das galerias, entre eles Guilherme Aranha, do Centro Acadêmico de Geografia da UnB e militante do **PSTU**. *Levaram os estudantes para uma "salinha" dentro da Câmara. "Aí um segurança começou a tirar a gravata, tirou o relógio, o distintivo de identificação e pegou uma máquina de choque elétrico na mão", relata Guilherme, que continua: "nesse momento entraram outros policiais (da Câmara) e também dois deputados que impediram o começo da sessão de tortura". O Congresso do mensalão também tem o seu porão.*

JUVENTUDE

CONSTRUIR A GREVE ESTUDANTIL DA EDUCAÇÃO

HENRIQUE CANARY**, da Secretaria Nacional de Juventude do **PSTU

No momento em que o Congresso segue com as negociatas para a sucessão de Severino, a educação federal protagoniza uma poderosa greve contra o governo Lula. Os servidores já deflagraram greve em 40 universidades e os docentes em 25, com a previsão de alcançar 27 ainda nesta semana. Os CEFETs também estão firmes na luta, com greve em 24 unidades.

A greve estudantil, apesar da UNE governista, começa a tomar contornos nacionais. Os estudantes de UFF, UFSC, UnB e UFMA acompanharam o movimento dos trabalhadores e também entraram em greve com suas pautas de reivindicações.

A cada ano, o governo Lula desfere um novo golpe contra as universidades. Em 2003, a reforma da Previdência aposentou forçosamente milhares de servidores, sobretudo professores, aumentando ainda mais o déficit de pessoal. Em 2004, aprovou, via Medida Provisória, o Programa Universidade Para Todos (ProUni), que transfere verba pública para os tubarões do ensino. Já em 2005, o governo surpreendeu até mesmo seus aliados e o FMI, ao cortar R$ 1,6 bilhão do Orçamento da Educação.

Mas agora virá o troco. A greve nacional vem se fortalecendo a cada dia e caminha para colocar em xeque a política educacional desse governo corrupto.

UNE INICIA OPERAÇÃO-DESMONTE

A União Nacional dos Estudantes resolveu convocar para 14 de outubro, uma Plenária Nacional de Universidades Públicas e Pagas. Até parece uma boa iniciativa, mas o verdadeiro objetivo é desmontar a greve que está apenas começando.

A UNE quer todas as entidades sob seu controle para que a greve não avance, não se choque contra Lula e possa ser desmontada mais facilmente. O objetivo é aprovar um calendário e reivindicações "consensuais", ou seja, que não questionem nem o governo, nem a Reforma Universitária, nem os tubarões.

POR UMA PLENÁRIA DE QUEM ESTÁ EM LUTA!

Para se contrapor à farsa da UNE, várias entidades, como os DCEs da UFRJ e da UFMG, CEFETs do Maranhão e de São Paulo e o comando de greve da UFSC, estão apontando para uma verdadeira Plenária Nacional de entidades e ativistas em luta, para aprovar um calendário único, construir a greve estudantil nacionalmente e conformar um comando.

Para que a plenária ocorra, é fundamental que DCEs, DAs, grêmios de CEFETs e comandos de greve aprovem o chamado à Plenária e se unam à sua construção.

Fazemos, em particular, um chamado aos companheiros do P-SOL, que estão atuando em lutas e greves com o **PSTU** *pelo país: vamos construir juntos essa plenária! É um erro participar da plenária da UNE e legitimar essa farsa governista! Uma entidade que recebe mensalão do governo não pode organizar a luta. A UNE morreu como entidade representativa e quer desmontar a greve. Precisamos de uma verdadeira Plenária Nacional unitária que organize a luta e a greve.*

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01321-010
Fax: (11) 3105-6316 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Cecília Toledo, Diego Cruz, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes **REVISÃO** Maria Lucia F. C. Bierrenbach **PROJETO GRÁFICO E CAPA** Gustavo Sixel **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua A-41, Quadra B5, 258
Bairro Graciliano Ramos - Maceió - AL
(82)9903.1709 (81)9101.5404
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Guanabara, 504 - Pacoval
(96) 225-4549 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823,
Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36,
Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506.
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 212-9969 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Rua dos Afogados, 169, sl. 8, Centro (98) 258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
CENTRO - FLORESTA
Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO - Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5, Pça. Via do Minério
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 – *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81) 3222-2549
recife@pstu.org.br
CABO DE SANTO AGOSTINHO
R. José Apolônio nº 34 A, Cohab

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA
Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301
Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3286-3607 / 3024-3486 / 3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira Garcia, 2669 Sala 205 (Esquina com Manoel Elias) - (51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 241-7718
CAXIAS DO SUL - (54) 9999-0002
GRAVATAÍ - Av. Dorival Cândido Luz de Oliveira, 6330 - Parada 63 - (ao lado do Snek Beer)
PASSO FUNDO - (54) 9982-0004
PELOTAS - (53) 9126-7673
pelotas@pstu.org.br
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 8116-2932,
santamaria@pstu.org.br
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da Fontoura,864, Centro, 591-0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 225-6831
floripa@pstu.org.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL
Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - R. Cel. José Figueiredo, 125 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 *campinas@pstu.org.br*
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes Girard, 371, sala 6 - Bairro Abernéssia (12) 3664-2998
FRANCO DA ROCHA - R. Washington Luiz, 43, Centro
GUARULHOS *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2
Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Dr. Côrreia, 191 - Bairro Shangai - (11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO
Rua Paraíso, 1011, Térreo - Vila Tibério (16)637-7242
ribeiraopreto@pstu.org.br
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho
(15)3211.1767 *sorocaba@pstu.org.br*
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

QUATRO CANDIDATOS 'SEVERINOS'

Nesta semana, o Congresso deve eleger o substituto de Severino Cavalcanti para presidência da Câmara. Ao contrário do que afirmavam os partidos do parlamento, não se conseguiu um nome "de consenso", que tivesse "um passado sem compromisso com a corrupção". Ou seja, um nome que permitisse refazer a imagem do Congresso, manchada pela corrupção e pelo próprio Severino, perante a opinião pública.

Não se conseguiu porque esse nome simplesmente não existe. Ao contrário do consenso, existe uma briga de foice na Câmara, com resultado imprevisível até o momento em que fechávamos esta edição. Ao contrário das "biografias inatacáveis", os nomes mais fortes eram todos ligados à corrupção.

Em primeiro lugar vinha o nome de José Thomas Nonô, do PFL, um ex-apoiador de Collor de Melo e atual representante do partido de ACM, mestre na corrupção.

Outro era o representante do governo, Aldo Rebelo, do PCdoB, partido presente no ministério do governo corrupto de Lula, que tem entre seus fracassos a tentativa frustrada (como líder do governo no Congresso) de evitar a formação da CPI. Para mostrar abertamente a continuidade da prática da corrupção, o governo liberou R$ 500 milhões em emendas parlamentares para reforçar a campanha de Aldo.

FOTO RICARDO STUCKERT / AG. BRASIL

Governo liberou R$ 500 milhões para tentar eleger Aldo

Michel Temer, do PMDB, era dos fortes candidatos. O PMDB de Jader Barbalho e Orestes Quércia dispensa apresentações, como um dos mais tradicionais partidos corruptos deste país.

O outro forte candidato é Ciro Nogueira (PP-PI), o candidato do "baixo clero" e braço direito de Severino Cavalcanti.

Muitas serão as manobras e as rasteiras nos bastidores. Verbas e cargos serão negociados e distribuídos a rodo para influir nessa eleição. Algum desses candidatos (ou ainda outro nome da mesma laia) já deverá ter sido eleito quando o leitor estiver lendo esse editorial. A disputa é violenta porque a presidência da Câmara é importante, pois vai dirigir os processos de cassação, além de ser um importante ponto de apoio para as eleições presidenciais de 2006.

Na verdade, essa disputa entre quatro candidatos "severinos" só confirma que é a própria instituição, o próprio Congresso, que não serve para nada. Uma pesquisa recente mostrava que 90% do povo não confia no Congresso Nacional. É absolutamente justo o repúdio que a população nutre em relação aos políticos ali reunidos. Por isso, Fora Todos!

OPINIÃO

UMA ASSEMBLÉIA POUCO POPULAR

LUIS CARLOS PRATES,
o "Mancha", presidente Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (SP)

No último final de semana, foi realizada em São Paulo a "Assembléia Popular", convocada pela esquerda da CUT, PSOL e alguns outros grupos. A composição da reunião era heterogênea, mas o objetivo central da direção da "Assembléia" era se tornar uma alternativa à Conlutas. Não conseguiram.

Nos debates estiveram presentes entre 400 e 500 pessoas, menos que os "800 participantes" anunciados pela mesa e bem menos que os milhares esperados.

A Carta do encontro foi votada por 345 pessoas, com 79 votos contrários e dez abstenções.

Um setor minoritário esteve contra o caráter da Carta, que afirma, depois de críticas corretas ao governo Lula, que a Assembléia Popular "não pretende concorrer com entidades existentes". Isso significa, num português claro, não concorrer com a CUT e a UNE. Isso tem um significado muito preciso: os setores da esquerda da CUT presentes não pretendem romper com central, apesar do caráter chapa branca da CUT governista.

Vários membros da atual executiva da CUT e seus respectivos grupos estavam nessa discussão extremamente importante. Está mais do que óbvio que não se pode organizar a luta contra a burguesia e o governo por dentro da CUT. A permanência no interior da central termina por legitimar o governo Lula, que é apoiado entusiasticamente pela CUT.

A "Assembléia Popular" se propõe a reunir setores que estejam ou não na CUT. Como a defesa da permanência pura e simples nessa central já é cada vez mais insustentável, a "Assembléia Popular" serve como cobertura para que essas correntes sigam na CUT e para tentar criar um obstáculo à construção da Conlutas.

Não é por acaso que os grandes promotores da "Assembléia", a corrente Sol (do PSOL) e Jorginho (da esquerda da CUT), fazem uma campanha aberta contra a Conlutas. Boicotaram os atos da Coordenação, como no dia 16 de junho do ano passado, e pouco contribuíram para a manifestação de 17 de agosto deste ano em Brasília. Falam em "unidade", mas não a aplicam quando se trata de lutar contra o governo.

Querem evitar a formação da Conlutas como uma nova organização nacional, alternativa à CUT. Não é por acaso que essa "Assembléia" marcou um novo encontro para abril do ano que vem. O objetivo é criar um contraponto à convocatória já feita do Congresso Nacional da Conlutas, marcado para o final de abril de 2006.

Ao final da "Assembléia" foi realizado um ato de ruptura com o PT e adesão ao PSOL de uma boa parte desses setores que seguem dentro da CUT. Na verdade, a convocatória da "Assembléia" nesta data, justo no final do prazo de filiação aos partidos para as eleições do ano que vem, teve o propósito de servir ao fortalecimento de um partido, o PSOL. Certamente vão fortalecer a ala anti-Conlutas desse partido.

Outros setores do PSOL, que estão realmente engajados na construção da Conlutas, estiveram na "Assembléia". Achamos que eles não podem seguir compactuando com essa manobra. Também esteve presente um setor de companheiros lutadores, do qual se esperava a proposta de uma perspectiva de unidade real para o movimento, o que não se deu.

De nossa parte, seguiremos chamando a todos os setores reunidos na Assembléia Popular a que rompam com a CUT e venham conosco construir a Conlutas.

E O CAMPO CONTINUA MAJORITÁRIO...

JEFERSON CHOMA, da redação

Quando fechávamos esta edição do *Opinião Socialista*, o site nacional do PT divulgava o 7º resultado parcial das eleições internas do partido. De acordo com o boletim, 98% dos votos já estavam totalizados até a manhã do dia 24.

Os resultados parciais mostravam a enorme vantagem de Ricardo Berzoini, candidato do Campo Majoritário. A disputa pelo segundo lugar nas eleições para a presidência do partido continuava acirrada, mas tudo indicava uma vitória do candidato Raul Pont, da corrente *Democracia Socialista*, sobre Valter Pomar, da *Articulação de Esquerda*.

NADA MUDOU

Os resultado das eleições do PT mostram claramente que nada mudou no PT. Apesar de ter encolhido um pouco, em função das denúncias de corrupção de seus principais dirigentes, o Campo Majoritário segue sendo a maior corrente do PT e, mesmo de forma mais fragmentada, vai poder manter o controle sobre o aparato. Com 42 % da composição do diretório nacional, a chapa do Campo Majoritário perdeu formalmente a maioria absoluta da direção do partido. Mas, em política, a aritmética não é absoluta. Gleber Naime, secretário de organização do PT, um dos principais articuladores do Campo Majoritário declarou ao jornal *O Globo* que aguarda a adesão de duas outras correntes para garantir a maioria no diretório nacional.

O dirigente declarou que espera a adesão da chapa "PT de Luta e de Massa (PTLM)", formada pelo grupo ligado à ex-prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, que obteve 6%, e a chapa O "Partido que Muda o Brasil", 3%.

Além disso, a chapa "Movimento", ligada à Maria do Rosário, a candidatura mais à direita nas eleições depois de Berzoini, obteve cerca de 11% do diretório. É bom lembrar que essa chapa inclui Arlindo Chinaglia, atual líder do PT na Câmara. Somados aos 42% do Campo Majoritário, a união dessas correntes chegaria a 62%, mantendo com larga folga a hegemonia do Campo no partido.

Ricardo Berzoini e Raul Pont. Duas candidaturas, nenhum sinal de mudança...

MENSALEIROS CONSEGUEM ELEGER SEUS CANDIDATOS

Nem mesmo os parlamentares petistas envolvidos no mensalão tiveram seus poderes enfraquecidos na eleição petista. O resultado mostra que alguns dos principais nomes envolvidos em corrupção mantiveram o controle dos seus "currais eleitorais". O deputado estadual do Ceará, José Nobre Guimarães, cujo assessor foi preso com US$ 100 mil na cueca, conseguiu eleger seu candidato a presidência do diretório estadual do PT no estado. Outro exemplo é do deputado João Paulo Cunha, que recebeu R$ 50 mil das contas de Marcos Valério e poderá se cassado. Mesmo assim, o petista conseguiu eleger sua afilhada política, Rosemeire Lima, para a presidência do PT em Osasco (SP). Até o ex-tesoureiro Delúbio Soares estará representado na chapa nacional do Campo Majoritário, uma vez que a sua esposa, Mônica Valente, está na composição da chapa ao diretório nacional.

A LEGITIMAÇÃO DA FRAUDE

Raul Pont provavelmente vai enfrentar Ricardo Berzoini no segundo turno das eleições do PT. Seguramente será derrotado e sua candidatura servirá apenas para legitimar um processo fraudulento, onde predomina o cabresto e a compra descarada de votos, para que o Campo Majoritário reafirme seu controle sobre o aparato.

Mesmo que ganhasse, não significaria nenhuma mudança real nos rumos do PT. Como as demais candidaturas da chamada esquerda petista, Pont faz tímidas críticas ao governo do PT e se propõe a "refundar" o partido. Mas, sua interpretação da crise política é a mesma do governo, dizendo que se trata de um *"golpe das elites"* contra Lula.

Na área econômica propõe *"redução dos juros e do superávit primário"*. A antiga bandeira do *"Fora FMI"* foi substituída pela *"redução do superávit"*, quer dizer, respeitar o receituário do FMI. Chega a dizer que é "sectária" a crítica ao conjunto do governo.

No caso da política externa, afirma que *"foi sob o governo Lula que as negociações da Alca entraram em um impasse"*. A verdade, no entanto, é que, ao lado do governo dos EUA, Lula segue nas mesas de negociação da Alca e coloca tropas brasileiras para fazer o serviço sujo de Bush e liderar a ocupação do Haiti.

Não menos escandalosa é a afirmação de que houve mudanças "estruturais na reforma agrária". Todos sabem que a reforma agrária empacou com o governo do PT. Os índices de assentamento são menores do que os do governo FHC. A responsabilidade por isso também é do ministro do Desenvolvimento Agrário que, não por acaso, é da mesma corrente de Raul Pont, a *Democracia Socialista*.

DEPUTADOS ROMPEM E VÃO PARA O P-SOL

EDUARDO ALMEIDA E JEFERSON CHOMA, da redação

Com os resultados das eleições do PT praticamente confirmados, vários deputados romperam com esse partido. Foi assim com Ivan Valente (PT-SP), João Alfredo (PT-CE) e Orlando Fantazzini (PT-SP) que anunciaram sua entrada no P-SOL. O deputado Chico Alencar deve seguir o mesmo caminho. Plínio de Arruda Sampaio, petista histórico, se filiou também ao P-SOL.

Existem hoje inúmeras rupturas na base petista, que buscam construir algo diferente do projeto reformista implementado pelo partido ao longo de duas décadas.

Infelizmente não é o rumo desses parlamentares e de Plínio. Eles fizeram justas críticas ao plano econômico neoliberal do governo e caracterizaram corretamente que o PT *"esgotou seu papel como instrumento de transformação da realidade brasileira"*. Mas terminaram optando por um projeto semelhante ao PT, o P-SOL.

Isso tem muito a ver com o processo ocorrido com o conjunto do PT, e não só com o Campo Majoritário, de adaptação à democracia dos ricos. Ao longo da degeneração do PT, as correntes de esquerda também passaram a centrar sua atividade ao redor das eleições, como a direção majoritária. Junto com isso, foram paulatinamente perdendo espaço, não apenas no aparato partidário, mas também eleitoral. As últimas eleições comprovavam claramente a tendência. A ampla maioria dos parlamentares petistas eleitos é ligada ao Campo Majoritário, com campanhas milionárias.

A situação piorou para a esquerda do PT com as denúncias de corrupção, pois muitos encontravam enormes dificuldades para justificar para suas bases a permanência dentro do partido. Temendo perder ainda mais espaço eleitoral e entrar em choque com suas bases, esses parlamentares romperam com o PT.

A ida para o P-SOL é conseqüência da opção desse partido por repetir o projeto eleitoral reformista do PT, controlado pelos parlamentares. Alguns deles, como Ivan Valente, entram como um bloco provisório, para participar das eleições de 2006 e depois ver se forma ou não outro partido. A entrada desses parlamentares vai reforçar a ala direita do P-SOL e o caráter eleitoral.

Felizmente, na base do movimento de massas, o processo é diferente da ação desses parlamentares. A ruptura com o PT leva os ativistas a romperem também com esses projetos meramente eleitorais e buscarem uma alternativa revolucionária.

A FALÊNCIA DO PROJETO REFORMISTA DO PT

JEFERSON CHOMA, da redação

Durante mais de duas décadas, milhões esperaram eleger Lula presidente para mudar o país. Em todos esses anos, o PT foi o partido majoritário da esquerda brasileira e educou toda uma geração de trabalhadores e jovens com a estratégia de acabar com o desemprego, distribuir a renda, fazer a reforma agrária e acabar com a corrupção, preservando a ordem capitalista, através da eleição de Lula.

Hoje, esse projeto faliu. Não é só o governo Lula que está em cacos. É o projeto reformista eleitoral do PT que desmoronou. Os ativistas de todo o país devem discutir um novo projeto, uma nova alternativa, agora revolucionária.

O REFORMISMO SEM REFORMAS

O PT nasceu como um instrumento de luta da classe trabalhadora contra a ditadura militar na década de 80. Mas, na medida em que passou a ocupar cargos e mandatos no aparato do Estado, o partido se transformou numa máquina eleitoral. Sindicalistas e ativistas dos movimentos sociais converteram-se em burocratas, parlamentares, prefeitos ou governadores. Para seguir nesses cargos, manter essas verbas, a estratégia política passou a ser ganhar a todo custo as próximas eleições.

Isso levou ao abandono de qualquer compromisso com a luta da classe trabalhadora, a deixar de lado as bandeiras de transformações na estrutura socioeconômica do país, como a ruptura com o FMI. Adotaram um programa que falava em defesa da ética na política, propor um orçamento participativo etc. Esse programa, diga-se de passagem, é o mesmo defendido hoje pela esquerda do PT e pelo PSOL.

Ao chegar ao poder, no entanto, o PT abandona mesmo a perspectiva da reforma do Estado burguês. Assumiu a corrupção como método, aprofundou o plano econômico neoliberal e submeteu-se a todo o receituário do FMI.

A estratégia do PT levou a um reformismo sem reformas, o reformismo dos tempos da globalização, com contra-reformas neoliberais, que visam destruir conquistas históricas da classe trabalhadora para favorecer o capital, como demonstram a reforma da Previdência e as tentativas de implementar a reforma Sindical e Trabalhista.

O CAPITALISMO MATA. MORTE AO CAPITALISMO

JEFERSON CHOMA, da redação

A razão do sistema capitalista é a busca a qualquer custo do lucro das grandes empresas e bancos. Para que uma minoria (a burguesia) siga sendo privilegiada, a maioria da população (os trabalhadores) é submetida a toda ordem de exploração, como a destruição de direitos, o desemprego e a miséria.

O Brasil é um país capitalista, sua economia está subordinada aos interesses dos grandes países imperialistas. Atualmente, 27 milhões de trabalhadores (40% da população ativa) vivem desempregados ou na economia informal, sem cobertura da seguridade social e de direitos trabalhistas. Mais de 20 milhões de famílias, ou seja, 82 milhões de pessoas pobres, vivem com menos de dois salários mínimos mensais. Por outro lado, em três anos do governo Lula, os lucros das grandes empresas com capital negociado na bolsa cresceram 71%. O lucro dos bancos aumentou 49% em relação ao governo FHC. Enquanto isso, a renda dos trabalhadores só aumentou 1%.

Foram pagos para os banqueiros R$ 105 bilhões só nos primeiros oito meses deste ano. Gastou-se mais em pagamento de dívida nestes meses do que em educação, saúde e reforma agrária em um ano.

Menino argentino em bloqueio de estrada, na Grande Buenos Aires

Não existe nenhuma forma de conseguir salários decentes, acabar com o desemprego ou fazer a reforma agrária por dentro do capitalismo. Sem romper com o imperialismo e parar de pagar a dívida externa e interna aos banqueiros, não será possível mudar a vida dos trabalhadores.

NÃO HÁ MUDANÇA POR DENTRO DO REGIME

A burguesia tem nas suas mãos o controle político da sociedade. Todas as instituições do Estado capitalista têm a função de preservar a propriedade privada, seja por leis, ou simplesmente pelo uso da repressão. Todos os dias nos deparamos com esse fato, quando os sem-teto ocupam um terreno urbano ou sem-terra ocupam uma propriedade rural, ou os operários ocupam uma fábrica. A polícia e a justiça garantem a propriedade dos capitalistas. O Congresso vota as leis que interessam ao grande capital.

Através de eleições, por dentro do Estado burguês não se pode conseguir romper com o capitalismo. A burguesia, com seu poder econômico, controla as eleições, financiando campanhas milionárias, controlando as TVs e os jornais, comprando os partidos e cabos eleitorais. A experiência do PT demonstra isso. Quem mudou não foi a economia ou o Estado. Quem mudou foi o PT, que se tornou neoliberal e corrupto.

Só com uma revolução, que rompa com o capitalismo e com o Estado burguês, será possível mudar realmente a vida dos trabalhadores.

A DEMOCRACIA DOS RICOS É E SEMPRE SERÁ CORRUPTA

EDUARDO ALMEIDA, da redação

O capitalismo, além de não resolver problemas básicos, como emprego, salário decente e reforma agrária, tampouco é capaz de resolver o problema da corrupção. Em todas as eleições, desde Collor, o tema é centro de campanhas eleitorais, com os grandes partidos aparecendo sempre como "indignados" com a corrupção. Depois, ela aumenta ainda mais.

O Estado burguês e seu regime democrático, a democracia dos ricos, são e sempre serão corruptos. As grandes empresas financiam as campanhas eleitorais caríssimas e controlam assim os grandes partidos. Depois das eleições, cobram a fatura com contratos que lhes beneficiam, corrompendo os funcionários do Estado.

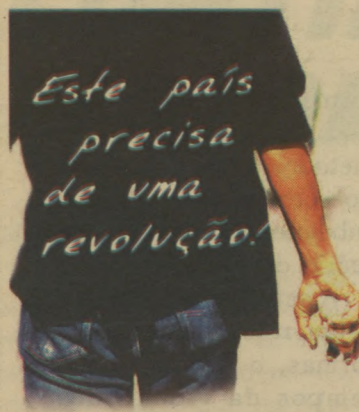
Por isso, a corrupção não acaba, ao contrário, aumenta a cada ano. Collor e PC Farias roubaram cerca de um bilhão de dólares. FHC, só com as privatizações das telefônicas, desviou mais do que isso. No governo Lula, só as movimentações das contas de Marcos Valério já ultrapassam Collor e PC Farias.

Enquanto permanecer o poder econômico das grandes empresas, que são as grandes corruptoras, vai existir corrupção. E enquanto seguir esse Estado, essa democracia dos ricos, a corrupção vai seguir.

Para acabar com a corrupção, também será necessária uma revolução, para expropriar as grandes empresas. Sem o dinheiro das grandes empresas corruptoras, será qualitativamente mais fácil evitar a corrupção.

NOVO ESTADO

Mas isso não basta. Mesmo nos Estados operários burocratizados do leste europeu, como a URSS dirigida pelo stalinismo, existia corrupção. E isso se dá por um mecanismo muito simples. Se o Estado é controlado por uma minoria (como a burguesia e seus funcionários, ou mesmo pela burocracia stalinista), a corrupção seguirá existindo. A única forma de superar a corrupção é que, com uma revolução, o novo Estado seja controlado pela maioria, ou seja, pelos trabalhadores. Isso já existiu nos primeiros anos da revolução russa (antes da burocratização stalinista) e no breve período da Comuna de Paris (primeiro governo operário da história em 1871), em que os funcionários eram eleitos pela base, com mandatos revogáveis a qualquer momento. Além disso, tinham salários de operários qualificados.

PODE HAVER UMA REVOLUÇÃO NO BRASIL?

EDUARDO ALMEIDA, *da redação*

É muito comum ouvir, quando se fala da necessidade de uma revolução no Brasil, a objeção de que "isso nunca vai ocorrer aqui, porque o povo brasileiro é manso demais". Variam os adjetivos, mas a culpa sempre é atribuída ao povo brasileiro.

Isso é uma ideologia, uma falsa idéia, muito comum em épocas como as atuais, em que não existem ainda grandes mobilizações. Este tipo de avaliação, por exemplo, era muito comum na Argentina, pouco antes da insurreição de 2001, que derrubou o governo De La Rua. Mesmo no Brasil, durante as grandes greves da década de 80 ou nas mobilizações do "Fora Collor", o povo não se julgava "manso demais".

Na verdade, o problema é outro. Evidentemente, hoje não existe uma situação revolucionária no país, pelo nível de mobilização e organização dos trabalhadores. Mas, isso pode ocorrer em alguns anos, como já está ocorrendo em outros países latino-americanos. E aí vamos ver o verdadeiro problema: as direções do movimento de massas (dos partidos e dos sindicatos), que estão do lado da burguesia. Quando se instalar no país uma grande crise, que possa escapar ao controle da burguesia, esses dirigentes vão tentar evitar que as mobilizações saiam do controle e apontem para uma revolução.

O VERDADEIRO PROBLEMA É A DIREÇÃO

Basta ver os exemplos recentes dos países da América Latina, para comprovar como isso de dá. No Equador, em 2000, uma insurreição ocupou o Congresso, o palácio do presidente, a Corte Suprema. A mobilização foi tão forte que rachou as Forças Armadas (com um setor do Exército passando para o lado da revolta) e chegou a tomar o poder por oito horas. A direção da insurreição, no entanto, entregou de volta o poder ao Chefe da Suprema Corte e aos comandantes das Forças Armadas e a luta acabou derrotada.

Na Bolívia, por duas vezes em pouco mais de um ano, os trabalhadores da cidade e do campo protagonizaram insurreições que derrubaram os governos de turno. Em ambas as ocasiões, era possível que o movimento avançasse para uma revolução socialista. Mas não foi assim. Na primeira, as direções do movimento de massas entregaram o governo para o vice-presidente. Agora, neste ano, uma nova insurreição derrubou esse vice-presidente, mas as direções se encarregaram, ao invés de avançar para uma revolução, de chamar novas eleições, que não vão resolver nada.

Sim, uma revolução socialista no Brasil não só é necessária, como possível. Para chegarmos até lá, será preciso avançar muito na mobilização, e na organização dos trabalhadores e da juventude. E será necessário construir uma nova direção, revolucionária, para o movimento de massas, uma alternativa ao PT e à CUT.

Mineiros e jovens bolivianos nos protestos que derrubaram o presidente Lozada

PARA FAZER UMA REVOLUÇÃO, É PRECISO UM PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

EDUARDO ALMEIDA, *da redação*

Uma parte dos ativistas, por rejeitar o PT ou o PCdoB, assume a defesa da "independência", ou ainda uma simpatia difusa pelo anarquismo. É muito progressivo que esses setores rompam com esses partidos reformistas por tudo aquilo que fizeram. Mas, inconscientemente, tanto o "independentismo" como o anarquismo terminam por reforçar de novo o PT, assim como os partidos burgueses.

A rejeição ao regime, às eleições e aos partidos eleitorais não pode se confundir com a rejeição a todos os partidos. Achar que "todos os partidos são iguais" é um erro tão grande como achar que "todas homens ou mulheres são iguais" depois de uma desilusão amorosa.

Existem várias diferenças fundamentais entre os partidos, mas uma em particular merece atenção: nem todos os partidos têm como objetivo fundamental ganhar votos. Nem todos os partidos são essencialmente eleitorais.

PARTIDO É SÓ PARA GANHAR VOTOS?

A burguesia, para manter sua dominação, coloca na cabeça dos trabalhadores e da juventude uma série de mentiras, de ideologias. Muitas são bem conhecidas como "só quem não trabalha duro não melhora de vida". Outra define que as únicas formas de lutas são as eleitorais (e para isso existem os partidos) e as sindicais (para as quais existem os sindicatos).

Por essa ideologia, amplamente disseminada, os partidos só servem para as eleições, o que não é verdade. Existem lutas políticas todos os dias, contra o poder da burguesia, contra o governo e o regime democrático burguês. Isso se manifesta, por exemplo, nas mobilizações concretas por salários, emprego, terra, etc. Nelas, os trabalhadores entram em choque com as instituições do Estado e do regime, como o governo, a Justiça, os partidos, a polícia. Isso significa que toda luta sindical também tem um conteúdo político e a ação da vanguarda (o que inclui os ativistas independentes, os partidos políticos, as direções dos sindicatos, etc) é parte importante dessa luta política.

Essa luta política existe, quer se queira ou não. Hoje, por exemplo, tanto o PT como o PCdoB buscam conter as greves e, no caso de que elas saiam, evitar que se enfrentem com o governo Lula, que eles apóiam. Os partidos burgueses são contra todas as lutas que se enfrentem com a burguesia. O **PSTU**, ao contrário, apóia todas as mobilizações, e luta diretamente contra o governo e o regime.

Os independentes, queiram ou não, terão de optar de qual lado dessa luta política estarão. Não basta negar a luta política, inevitavelmente terão de participar dela, de um lado ou de outro.

PARTIDO E LUTA PELO PODER

A luta política aponta para uma determinada estratégia. Pode-se até mesmo fazer uma luta local e ganhar, embora seja cada vez mais difícil. Mas, fazer uma revolução é impossível sem uma organização revolucionária. Nunca existiu na história a vitória de uma revolução que não tivesse à sua frente uma organização revolucionária. A defesa da "independência", serve involuntariamente para o reforço da ideologia dominante da burguesia. O movimento de massas, sem organização, se torna presa fácil da burguesia, sempre muito organizada para defender seus interesses.

Existem muitos pontos de contato entre anarquistas, ativistas de ONGs e independentistas ao redor das teses do professor John Holloway, que se consideram anticapitalistas, mas não defendem o socialismo. Defendem que é possível "mudar o mundo sem tomar o poder". Afirmam que a luta contra o capitalismo não pode ter nenhum fim, nenhuma estratégia a alcançar e que a ação é tudo.

Como deixam de lado a luta pelo poder, os ativistas que seguem essa ideologia se engajam em uma série de iniciativas de ONGs e na organização de pequenas empresas, cooperativas, que nunca poderão modificar o controle da economia pelas grandes empresas. Com isso, se desvia a vanguarda da luta pelo poder político, a única forma de mudar realmente o mundo.

Para evitar a burocratização, que já ocorreu com o stalinismo (ou com a corrupção do PT), a receita então é não tomar o poder. Ou seja, deixemos tudo como está. Da mesma forma, se poderia argumentar que como a burocracia sindical traiu uma greve, nunca mais devemos fazer nenhuma greve. Com essa lógica, pode-se justificar a impotência, o abandono da luta pelo poder e da necessidade de construção de um partido revolucionário.

O **PSTU** tem uma estratégia revolucionária, que é muito mais ampla que as lutas sindicais imediatas (embora tenha seu centro nas lutas diretas dos trabalhadores e da juventude) e não tem nada a ver com as eleições (embora participe delas, não tendo aí seu eixo). Por isso, não nos enquadramos nas limitações da ideologia burguesa de que partido é para buscar votos. Lutamos no passado contra a burocratização do stalinismo, assim como contra a adaptação do PT ao Estado burguês. Por isso achamos que é possível e necessário construir um partido com a estratégia de fazer uma revolução socialista e um novo tipo de Estado no país e no mundo.

O reformismo do PSOL

Em meio a uma das maiores crises institucionais da história do país, a direção do PSOL defende uma saída "por dentro" do regime democrático, com a antecipações das eleições. Caso fosse aplicada a proposta do PSOL, a oposição burguesa ou mesmo o PT ganhariam essas eleições antecipadas, e um "novo" governo, agora legitimado pelo voto, manteria a mesma política econômica e a mesma corrupção.

Isso se dá porque o PSOL é um partido reformista eleitoral. Não é por acaso que o PSOL já nasceu ao redor da estratégia da candidatura de Heloísa Helena para as eleições de 2006. Não é por acaso que não existe nenhuma menção no programa do PSOL sobre a necessidade da revolução socialista.

Esse projeto reformista eleitoral é uma repetição do PT, antes de chegar ao governo federal. Não do PT da época de sua fundação, mas sim desse partido já nos anos 90, completamente adaptado à democracia dos ricos. Por isso, o PSOL é dirigido por parlamentares.

O QUE FAZER PELA REVOLUÇÃO?

Um dos ataques mais freqüentes dos reformistas a nós, revolucionários, é dizer que estamos vendo uma revolução "amanhã". Evidentemente não achamos isso.

Não é fácil fazer uma revolução, porque a burguesia tem a seu favor os maiores partidos, o Congresso, a Justiça, a grande imprensa, as universidades. Todos empenhados em mostrar como a única solução para o mundo é o capitalismo e o resto é utopia; que o socialismo é igual ao stalinismo e morreu junto com as ditaduras burocráticas do leste. As direções majoritárias do movimento de massas (PT e PCdoB) dizem as mesmas coisas. Além disso, caso seja necessário, sempre existe a alternativa das forças armadas para defender o capital.

Não vivemos ainda um momento de grandes lutas revolucionárias dos trabalhadores, os reformistas ainda têm apoio no movimento de massas e vamos ter eleições no ano que vem. Apesar do desgaste da democracia dos ricos, é provável que a burguesia, mais uma vez canalize a crise através das eleições. É necessário um longo percurso para fazer avançar o nível de mobilização, consciência e organização dos trabalhadores para que cheguemos a uma revolução no país.

> **O nível de consciência pode avançar na medida em que os trabalhadores forem tirando conclusões políticas de suas próprias lutas**

CROMAFOTO

Marcha da Conlutas, em 17 de agosto

MOBILIZAÇÃO, CONSCIÊNCIA E ORGANIZAÇÃO

Mas a discussão não pára aí. A revolução não virá amanhã, mas é necessário começar a prepará-la hoje, ou ela nunca virá. Pode ser que se abra uma situação revolucionária no Brasil daqui a alguns anos, como ocorreu na Bolívia, Equador e Argentina. Quando vier uma situação assim, mesmo com grandes lutas, se não existirem direções revolucionárias com peso nas massas, não haverá revolução.

Então, para que algum dia possamos ter uma revolução no país, é necessário fazer avançar o nível de mobilização, consciência e organização dos trabalhadores.

O nível de mobilização pode progredir se os ativistas e os partidos revolucionários estiverem dedicados centralmente à ação direta e não às eleições. Apoiando e buscando a unificação das lutas dos trabalhadores da cidade e do campo, assim como da juventude.

O nível de consciência pode avançar na medida em que os trabalhadores forem tirando conclusões políticas de suas próprias experiências concretas. Isso significa que os ativistas e os partidos revolucionários devem intervir na disputa com os partidos reformistas e burgueses sobre os acontecimentos da luta de classes, para que os trabalhadores rompam com a burguesia, seu governo, seu regime, com os partidos burgueses e reformistas. Por exemplo, agora, enquanto o PT e a oposição burguesa costuram um acordão para sair da crise política, o **PSTU** defende o "Fora Todos", para que os trabalhadores rompam com os dois blocos (o governista e a oposição burguesa) e com o regime.

CONSTRUIR ALTERNATIVA

O nível de organização pode também avançar, caso consigamos construir uma alternativa dos trabalhadores perante a falência da CUT, da UNE e do PT. No caso da CUT e da UNE, tivemos uma grande vitória com a consolidação da Conlutas e da Conlute, que realizaram as marchas do dia 16 de junho do ano passado e 17 de agosto deste ano, em Brasília. Agora, temos uma grande tarefa, a preparação do congresso da Conlutas em abril de 2006.

Em relação à construção de uma alternativa ao PT, existe uma grande disputa, com duas alternativas. Uma delas é o PSOL, que quer reeditar um partido reformista eleitoral, como o PT de antes da posse no governo federal. A outra é o **PSTU**, um partido revolucionário, estruturado nos principais setores do movimento de massas e impulsionador da Conlutas.

DIREÇÕES SINDICAIS TRAEM A GREVE DOS CORREIOS

EZEQUIEL FERREIRA, de São Paulo (SP) e **HEITOR FERNANDES,** do Rio de Janeiro (RJ)

Na noite do dia 13 de setembro, os trabalhadores dos Correios impuseram à Fentect/CUT (Federação Nacional dos Trabalhadores dos Correios) uma greve nacional que atingiu 29 sindicatos em todo o país, com índices de adesão superiores a 70%. Tratou-se de uma verdadeira rebelião de bases, pois a direção majoritária do movimento, formada pelo PT e PCdoB, não queria uma greve que desgastasse mais ainda o governo Lula.

Ao longo de nove dias, os trabalhadores travaram uma heróica luta para resistir a toda sorte de manobras orquestradas pela maioria do comando nacional da Fentect/CUT. Suspenderam as comissões de esclarecimentos, fizeram acordo no TST (Tribunal Superior do Trabalho), divulgaram no *Jornal Nacional* e outros órgãos de imprensa que a greve tinha acabado, entre outras manobras. No entanto, a categoria comparecia em massa às assembléias e, por iniciativa da Oposição/Conlutas, votava pela continuidade da greve.

Somente no dia 22 de setembro é que essas direções governistas conseguiram acabar com a greve, utilizando ameaças de que o TST iria cassar os direitos da categoria. Só conseguiram isso, pois a categoria percebeu que não dava mais para seguir numa greve que se enfrentava contra todos: o governo, a direção dos Correios e maioria dos sindicatos da Fentect/CUT, em conluio com o TST.

No entanto, com medo da greve, a empresa já fazia concessões, embora bem aquém das expectativas da categoria. Os trabalhadores saem da greve com uma reposição salarial total de 12,42%, parcelados em duas vezes de 8,5% a partir de agosto de 2005, e 3,61% a partir de fevereiro de 2006, além de abono de R$ 800,00, com a compensação de 1/3 dos dias parados em horas extras.

Sentindo-se vitoriosos, os grevistas voltaram ao trabalho com a moral elevada, com a certeza de que, não fosse pela traição da direção do movimento, poderia recuperar ainda mais as perdas salariais e conquistar outras reivindicações.

PCO: AUXILIAR DA CUT CONTRA A GREVE

Foi lamentável o papel que o PCO cumpriu. Primeiro, viajou o país inteiro às custas da Fentect/CUT, com o apoio do PT e do PCdoB, para defender a CUT contra a desfiliação dos sindicatos. Agora, na greve, atacou covardemente a Oposição/Conlutas com mentiras e calúnias. Com um discurso pretensamente esquerdista, atacava o movimento, insistindo em manter como centro da reivindicação o reajuste de 94%, o qual, inclusive, não foi aprovado em nenhuma assembléia. Resumindo: um discurso de esquerda e uma prática de direita, facilitando a atuação do Fentect e seus amigos da CUT.

Por suas mentiras e ataques à categoria, o PCO foi escorraçado pelos funcionários dos Correios.

No Rio de Janeiro, por sua vez, os dirigentes pelegos do PT, *Articulação* e Opção Popular, além boicotarem a campanha salarial, mandaram sua base furar a greve. Por isso, a assembléia da categoria votou a expulsão dos delegados sindicais fura-greves.

CONLUTAS SE CONSOLIDA NA CATEGORIA

Por sua postura firme na luta, com um perfil independente do governo Lula, da direção da estatal e da maioria da Fentect/CUT, os sindicatos de Pernambuco (já desfiliado da CUT e vinculado à Conlutas) e do Rio Grande do Sul (cuja diretoria apóia a Conlutas) foram a vanguarda nacional na luta e por onde se formulou uma contraproposta dos trabalhadores, aprovada nas assembléias de São Paulo, Campinas (SP), além de Pernambuco e Rio Grande do Sul. Em todo o país a Oposição/Conlutas se firmou como alternativa de direção e já prepara um Encontro Nacional.

EDUCAÇÃO

SERVIDORES FEDERAIS DA EDUCAÇÃO RADICALIZAM GREVE

FOTO WALTER CAMPANATO / AGÊNCIA BRASIL

Servidores protestam no Congresso Nacional,no dia 22 de setembro

DIEGO CRUZ, da redação

Enfrentando a intransigência do governo Lula, servidores federais da educação foram obrigados a radicalizar o movimento de greve, que atinge instituições de ensino de todo país. Docentes de 25 Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) estão parados. A paralisação dos técnico-administrativos afeta 40 IFES. Já os funcionários do ensino médio federal pararam em 24 escolas.

Os três sindicatos que representam as categorias em greve, Andes (Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior), Sinasefe (Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica e Profissional) e Fasubra (Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores nas Universidades), constituíram um Comando de Greve e estão unificando as mobilizações contra o governo. No dia 22 de setembro os servidores realizaram uma manifestação em pleno Congresso, denunciando também o mar de lama que toma conta de Brasília.

"O governo não dá resposta para os servidores e empurra a greve com a barriga. Temos agora que ampliar e radicalizar o movimento, que está crescendo nos três setores", explica William Nascimento, diretor do Sinasefe e militante do **PSTU**. Como parte da radicalização, os servidores realizam um acampamento em Brasília de 28 a 30 de setembro, para pressionar o governo. A Conlutas está na linha de frente do movimento.

LULA: MAIS ARROCHO EM 2006

O governo já revelou o que guarda para os servidores em 2006: mais arrocho. Lula vetou na LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) o reajuste linear de 1,9% aos servidores, aprovado pelo Congresso. O motivo alegado pelo governo não foi a falta de recursos, mas seu desacordo com o reajuste linear. Lula promove uma política de gratificação diferenciada, a fim de impor a divisão da categoria e dificultar uma luta unitária contra o arrocho.

METALÚRGICOS

TRABALHADORES PARAM A VOLKS

EMMANUEL OLIVEIRA, de São Bernardo do Campo (SP)

No dia 23 de setembro, os operários da Volkswagen paralisaram totalmente a produção, deixando de produzir 950 veículos, em protesto contra o impasse sobre o valor da Participação dos Lucros e Resultados (PLR). Os trabalhadores cansaram da enrolação da empresa e da falta de ação do sindicato.

O impasse está no valor apresentado pela empresa, de R$ 4.400 de PLR, valor muito abaixo dos R$ 5.500 exigidos pelos trabalhadores. O sindicato tinha medo de convocar assembléia, pois está muito desgastado pelos erros que cometeu na condução da luta por contratação de mão de obra.

Por outro lado, a oposição exigiu da direção do sindicato a realização de assembléia que votasse a paralisação total da produção. Diante das exigências, o sindicato foi obrigado a convocar uma assembléia com os dois turnos e encaminhou as seguintes propostas: 1) paralisação de duas horas por áreas (proposta fortemente vaiada), defendida disfarçadamente pelo sindicato. 2) paralisação geral, aprovada por unanimidade.

Quando fechávamos esta edição, a empresa tinha marcado uma nova reunião com os trabalhadores. Caso não haja uma proposta satisfatória, os trabalhadores poderão retomar a paralisação.

VLADO: UMA HISTÓRIA PARA NÃO SE ESQUECER

DOCUMENTÁRIO E LIVROS lembram os 30 anos da morte de Vladimir Herzog nos porões da ditadura, fazendo importantes e comoventes resgates de uma época marcada por prisões, torturas e assassinatos

WILSON H. DA SILVA, da redação

Na manhã de sábado, 25 de outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog, o *Vlado*, saiu de casa para se apresentar no nefasto e terrivelmente poderoso Doi-Codi, órgão de repressão do II Exército, que mantinha em sua sede, em São Paulo, um dos mais sanguinários centros de tortura do país. No final da tarde, parentes e amigos foram informados que Herzog havia se enforcado em uma cela, após o interrogatório.

A versão dos militares, forjada com absurdas fotos, nunca se sustentou. O enterro foi marcado por um aberto desafio à ditadura (a comunidade judaica se recusou a enterrar o jornalista na ala destinada aos suicidas) e, no dia 31, o assassinato detonou a primeira manifestação pública massiva contra os militares, quando mais de 8 mil pessoas se reuniram em um ato ecumênico na Catedral da Sé.

Casado com Clarice (que Aldir Blanc e João Bosco homenagearam na letra de O bêbado e o equilibrista, com o verso *"choram Marias e Clarices no solo do Brasil...."*), pai de dois filhos, diretor de telejornalismo da TV Cultura, Herzog era filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), onde sempre manteve uma militância "discreta" e fundamentalmente relacionada ao apoio à organização e aos militantes políticos perseguidos.

Seu brutal assassinato, contudo, foi determinante para estimular a luta contra a ditadura nos anos seguintes e na qual teve um importante papel. Em 1978, por exemplo, Clarice Herzog, em uma sentença inédita e histórica, conseguiu fazer com que o Estado fosse responsabilizado pelo assassinato de *Vlado*.

É um pouco dessa história que está em ***Vlado: trinta anos depois***, do cineasta João Batista de Andrade, que será lançado em 30 de setembro. Isso e algo mais: no filme também estão "outros *Vlados*": o sujeito apaixonado por cinema e artes, o homem que desde muito cedo teve que se confrontar com repressão (judeu nascido na Iugoslávia, teve que fugir do nazismo), o amigo e o jornalista admirado.

O corpo de Herzog e a farsa do suicídio

UM MARCO NA LUTA DEMOCRÁTICA

Em uma conversa após a exibição para a imprensa do documentário, João Batista afirmou que sua principal motivação para a realização do filme foi resgatar a figura e a história de *Vlado* como marcos fundamentais da luta pela democracia no país.

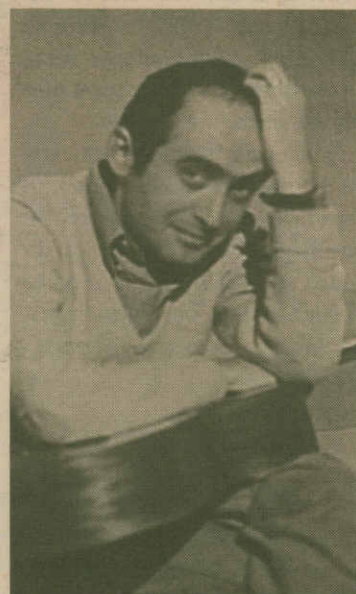
Um resgate cuja importância o próprio diretor destaca nas primeiras e curiosas cenas. Instalado na mesma Praça da Sé onde milhares de pessoas colocaram sua vida em risco para expressar o repúdio aos ditadores, o diretor pergunta às pessoas que passam sobre quem foi Herzog. São poucos os que sabem dizer algo.

Foi com essa preocupação em mente que João Batista entrevistou vários dos que conviveram com *Vlado*: Clarice e um de seus filhos, Ivo; D. Paulo Evaristo Arns e o rabino Henry Sobel, que estiveram entre os organizadores do ato há 30 anos; vários jornalistas, muitos dos quais também presos e torturados, como Fernando Morais, Paulo Markun, Sérgio Gomes, Duque Estrada e Mino Carta; e militantes, como Clara Scharf e Diléia Frate.

O resultado é, ao mesmo tempo, um panorama político da repressão e um retrato pessoal (como o diretor insiste), confessadamente didático (talvez até demais), de alguém muito próximo de *Vlado*.

DEPOIMENTOS EMOCIONANTES

Amigo de Herzog e da maioria dos entrevistados, João Batista fez um filme sem apelar à pieguice que tem marcado muito da produção nacional recente nem aos truques fáceis (por exemplo, uma trilha sonora lacrimosa) e que consegue, realmente, arrancar emoção do público.

Para tal, os únicos "recursos" foram o uso (um tanto excessivo, diga-se de passagem) do "super-close" – um

Vladimir Herzog e seu violão

tipo de filmagem que faz com que os rostos dos entrevistados ocupem quase que completamente o espaço da tela – e uma nervosa câmera na mão, que provoca uma constante sensação de "realidade" e "presença" no espectador, como se estivéssemos frente a frente com o entrevistado.

DIVULGAÇÃO

João Batista de Andrade entrevista Clarice, viúva de Herzog

Dessa forma, o público é convidado a mirar diretamente nos olhos dos amigos, parentes e companheiros de Herzog, enquanto eles relatam histórias de esperança e sonhos destroçados, sofrimentos, perdas e, também, do desejo de justiça e liberdade que compartilharam com *Vlado*.

Desnecessário dizer que essa "proximidade" com os entrevistados se transforma em uma experiência dolorosa, angustiante e revoltante quando mergulhamos em seus olhos marejados enquanto recordam as muitas torturas e os momentos finais de Herzog.

UM RELATO DIGNO DE UMA HISTÓRIA NECESSÁRIA

Além de seu desejo em contar para as novas gerações a história de Herzog, João Batista decidiu fazer esse filme também como um acerto de contas pessoal. Na época, paralisado pelo horror dos fatos, ele sequer registrou as cenas do ato na Praça da Sé: *"Eu, que filmava tudo, não filmei nada naquele momento"*.

O que ele nos apresenta hoje é uma homenagem pra lá de digna. E, acima de tudo, necessária. Não só para que jamais nos esqueçamos dos horrores da ditadura. Mas também para que todos, principalmente aqueles que, hoje, estão pisoteando a História, recordem que foram muitos os que *"partiram num rabo de foguete"* enquanto lutavam para democratizar o país.

PARA CONHECER O CINEASTA

Alguns filmes fundamentais de João Batista são **Doramundo** *(lançado em 1978, cuja primeira versão do roteiro foi escrita por Vlado, em 1974),* **O homem que virou suco** *(1980) e* **O país dos tenentes** *(1987), além de vários (e excelentes) documentários.*
João Batista, que tem parte de sua história vinculada ao movimento sindical do ABC, hoje é secretário da Cultura do governo tucano de José Serra, em São Paulo. Qualquer semelhança com o PT e seus membros não é coincidência...
Da sua fase "militante", os filmes mais importantes são **Liberdade de Imprensa** *(1966),* **Migrantes** *(1973) e os excepcionais* **Greve** *(1979) e* **Trabalhadores; Presente!** *(1979), sobre as greves no ABC que deram o golpe de misericórdia no regime que matou Herzog.*

LIVROS LEMBRAM HERZOG

A Editora Globo está relançando **Dossiê Herzog: paixão, tortura e morte no Brasil**, *de 1979. Nele, o jornalista Fernando Pacheco Jordão mostra como Vlado foi vítima da disputa entre duas facções das Forças Armadas: a do presidente-general Ernesto Geisel, que queria uma "abertura lenta, gradual e segura" e a que gostaria de aprofundar a repressão.*
Já **Meu querido Vlado** *— de Paulo Markun, que trabalhava com Herzog na TV Cultura e já havia lançado Vlado, em 1985 —, além de se debruçar sobre os fatos nebulosos, chama a atenção para a postura do atual governo federal, que insiste em manter importantes documentos em segredo.*

O SOCIALISMO VIVE

COM O FIM da URSS, muitos se candidataram ao papel de coveiro do socialismo. O bombardeio veio de todos os lados, da direita à esquerda. Contudo a construção do socialismo permanece sendo o principal desafio histórico da humanidade

JOÃO RICARDO SOARES, da Secretaria Nacional de Formação e Propaganda do **PSTU**

"O marxismo procede do desenvolvimento da técnica, como motor principal do progresso, e constrói o programa comunista sobre a dinâmica das forças produtivas. Se supusermos que uma catástrofe cósmica destruirá o nosso planeta (...) seremos forçados a renunciar à perspectiva do comunismo (...) Abstraindo deste perigo, problemático neste momento, não temos a menor razão científica para designar previamente limites, sejam quais forem, às nossas possibilidades técnicas, industriais e culturais. O marxismo está profundamente penetrado pelo otimismo do progresso e isso basta, diga-se, para opô-lo irredutivelmente à religião"

Leon Trotsky

Os arautos do imperialismo se apressaram em proclamar que o capitalismo "venceu". A maioria da esquerda passou a repetir algo parecido, o historiador Daniel Arão Reis, por exemplo, tenta nos convencer de que *"o socialismo contemporâneo encontra-se, certamente, numa crise terminal. (...) As bases sociais, econômicas, políticas, teóricas, culturais de um projeto que pretendeu ultrapassar o capitalismo, e foi por ele absorvido, não se sustentam mais e não podem mais sustentar uma proposta alternativa radical".*

Se Arão Reis estiver correto em sua premissa de que o socialismo vive uma crise terminal, qual seria então a estratégia para as revoluções? Pois estas teimam em não sair de cena, está aí a Bolívia para confirmar.

Este artigo pretende discutir se as bases econômicas, políticas e teóricas do socialismo caducaram, ou se, ao contrário, ele permanece como uma necessidade histórica, o que é diferente de sua inevitabilidade.

O SOCIALISMO CIENTÍFICO

O mundo prometido pela burguesia – igualdade, fraternidade e liberdade – não vingou. E esse fato reacende no mundo ocidental a necessidade de buscar uma forma de organização para além do capitalismo.

Assim, o século XIX conhecerá homens como Sant Simon e Fourier, ou o inglês Owen, conhecidos hoje como os socialistas utópicos.

Diferente dos filósofos que preparam a revolução burguesa, teorizando sobre a necessidade de acabar com os privilégios de classes da nobreza, agora se tratava de abolir as classes.

No entanto, como nos explica Engels, as bases teóricas que projetavam a necessidade de uma sociedade sem classes, arrancavam e paravam na injustiça do modo de produção capitalista.

Não podiam, portanto, explicar o capitalismo como o resultado de um processo histórico, de luta entre as classes, e do desenvolvimento das forças de produção da sociedade. Apesar de ser o resultado de mentes brilhantes, não podiam ultrapassar os limites da crítica moral, baseada nas injustiças geradas pela exploração do homem pelo homem.

A alternativa ao capitalismo seria então a idealização de mundo, com regras saídas de uma mente brilhante.

Como afirma Engels, *"suas teorias incipientes não faziam mais do que refletir o estado incipiente da produção capitalista. Pretendiam tirar da cabeça a solução dos problemas sociais, latentes ainda, nas condições econômicas pouco desenvolvidas da época".*

"AS IDÉIAS ESTÃO NO CHÃO..."

Com o desenvolvimento do capitalismo, o surgimento das grandes fábricas e a plenitude do novo modo de produção, a luta entre suas classes fundamentais, a burguesia e o proletariado, passa a tomar o primeiro plano na Europa.

Com o avanço da ciência, em todos os terrenos da atividade humana foi possível compreender que toda história anterior foi o resultado da luta entre as classes. E a superação do capitalismo não seria diferente.

Dessa forma, o socialismo deixa de ser a descoberta casual de uma mente brilhante e passa a ser o produto necessário da luta entre as classes formadas historicamente: a burguesia e o proletariado. Assim, os fundadores do Socialismo Científico se recusam a idealizar uma sociedade "perfeita". O Socialismo seria o resultado de uma luta inevitável entre as classes.

Furacão Katrina mostrou contradições no coração do capitalismo

Mas, se a luta entre as classes é inevitável, o socialismo depende da capacidade de mobilização e organização da classe operária, e do sujeito político capaz de traduzir esses interesses numa perspectiva de poder.

CONTRADIÇÕES FUNDAMENTAIS DO SISTEMA CAPITALISTA

A proclamação da vitória do capitalismo sobre o socialismo seria uma verdade se o primeiro pudesse oferecer as futuras gerações uma vida melhor. Mas, o que vivemos é justamente o oposto: 20% da população mundial, concentrada em 10 países, é responsável por 80% de tudo o que se produz no planeta. Enquanto os 80% restante da população do globo, cerca de 5 bilhões de seres humanos, devem lutar todos os dias para repartir os 20% restante.

O capitalismo aumentou a distância que separa os países ricos dos países pobres e aprofundou a desigualdade entre os que vivem de salários e os que recebem os lucros. A explicação que os marxistas dão a esse fenômeno está nas contradições do sistema. O capitalismo nasceu prisioneiro de várias contradições que foram ampliadas em sua fase imperialista e não podem ser resolvidas com reformas:

1) A incompatibilidade entre a produção social e sua apropriação privada. O capital necessita de uma classe social, os trabalhadores, a mais numerosa da sociedade, para valorizar-se através da exploração.

Necessita incorporar o desenvolvimento da ciência resultado da produção intelectual do conjunto da sociedade – através da tecnologia. E necessita também de toda a infra-estrutura criada pelo Estado. Mas, o lucro segue sendo individual. Isso explica o fato de que o patrimônio de 224 mega empresários do mundo é equivalente à renda anual de 2 bilhões e 500 mil pessoas (40% da população do globo).

2) O Capital criou o mercado mundial para o seu desenvolvimento, mas segue mantendo os Estados nacionais e suas fronteiras.

A ampliação do mercado mundial e a extensão das relações de produção capitalistas, inclusive com a incorporação da ex-URSS, China, etc. foi realizada aumentando a desigualdade entre as nações. As fronteiras dos Estados dividem o mundo em países distintos, com diferentes graus de desenvolvimento, e são as guardiãs da divisão internacional do trabalho marcada pela crescente desigualdade. O "muro da vergonha" que divide os EUA e o México, cemitério de imigrantes, é a imagem dessa divisão que é impossível de ser ultrapassada enquanto o imperialismo dominar o mundo.

3) E, por fim, a produção é voltada para o lucro e não para as necessidades sociais. Isso é o que explica o fato de que, apesar de se produzir no mundo mais mercadorias do que em qualquer outra época histórica, à degradação, a pobreza e a miséria são proporcionais ao tamanho da riqueza criada. Isso explica o fato de que o capital não está levando somente à degradação humana, mas a agressão à natureza ameaça a própria vida no planeta.

Essas são as bases econômicas e políticas que o nosso historiador se recusa a ver e que explicam a necessidade do socialismo.

Marx e Engels, sempre insistiram no fato de que a sociedade futura é o resultado da ação humana sobre a sociedade presente. Ela avança a partir das contradições insolúveis do capitalismo, como resultado da luta entre as classes sociais. E o seu resultado imediato em cada país, depende do nível de desenvolvimento da tecnologia, do grau de industrialização, da cultura, enfim, do nível de desenvolvimento em que se encontra.

OS LIMITES PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Trotsky afirmou que *"não temos a menor razão científica para designar previamente limites, sejam quais forem, às nossas possibilidades técnicas, industriais e culturais"*. Se a chegada do homem à lua nos parece algo de um passado distante, não existe a menor razão para impor limites.

Os limites ao desenvolvimento humano são impostos pelas relações sociais capitalistas. A produção voltada para o lucro, além de ser uma trava para o desenvolvimento da ciência, impede que seus frutos sejam redistribuídos pela sociedade.

O capitalismo preparou as condições e as forças da revolução social: a técnica, a ciência e o proletariado. Ao manter e aprofundar a produção social e acabar com a apropriação privada do resultado da produção, acabando com a propriedade privada dos meios de produção, destruímos a trava mais importante ao desenvolvimento da sociedade humana em seu estágio atual.

Para que se tenha uma idéia, no Brasil, os salários representam, x% do PIB, e os rendimentos do capital y%. Se agregarmos a sonegação fiscal e tudo o que se envia para o pagamento da dívida externa, teremos uma idéia dos imensos recursos disponíveis para acabar com a pobreza da maioria da população.

Mas, o horizonte das possibilidades de avanço humano com o fim da propriedade privada deve e pode ir além de acabar com a pobreza material. Ao se referir aos projetos comunistas do século XVI e XVII Engels criticava o *"comunismo ascético,(...) que renunciava a todos os gozos da vida"*. Como parte do progresso da história humana, o capitalismo, ao desenvolver as máquinas que fazem o trabalho de mais mil homens, liberou uma parte da sociedade do trabalho extenuante. A reprodução material da sociedade necessita de cada vez menos pessoas envolvidas.

Mas, o capitalismo realizou essa tarefa histórica aumentando na sociedade a divisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. O trabalho continua sendo uma carga e todos nós somente encontramos o gozo da vida fora da atividade diária pela sobrevivência.

Mas, o desenvolvimento tecnológico e a abundância da riqueza coletiva podem transformar o trabalho não em um meio de vida, mas na primeira necessidade vital. E permitir *"a cada um trabalhar 'segundo as suas capacidades' o que significa fazer o que quiser e o que puder, e recompensar cada um 'segundo suas necessidades', independentemente do trabalho fornecido'"* (Marx).

A esse estágio superior da sociedade, o qual Marx chamou de Comunismo, corresponderia uma fase prévia – a socialista – que estaria ainda presa às limitações *"em todos os seus aspectos, no econômico, no moral e no intelectual"*.

Nesse nível, o princípio de distribuição obedece ao nível de desenvolvimento das forças produtivas e não pode dar a "cada um segundo suas necessidades". O princípio nessa sociedade de transição é *"de cada um segundo sua capacidade a cada um segundo o trabalho realizado"* (Marx).

Apesar do imenso avanço que pode proporcionar a expropriação da burguesia e o planejamento econômico, a distribuição será desigual, na medida em que a remuneração obedece ao princípio de retribuir de acordo com o trabalho efetuado.

Mas, a capacidade dos indivíduos para o trabalho é desigual, seja física ou intelectual, e as necessidades são distintas, desde o tamanho da família até os gostos individuais. Entretanto, o limite para cada um já não está determinado pelo lugar que nasceu, se numa família burguesa ou proletária, mas pela sua própria capacidade.

A TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO

O problema de todos os "coveiros" do socialismo é identificar a URSS e todos os Estados que expropriaram a burguesia como uma sociedade socialista. No entanto, antes de lançar a primeira pá de cal, deveriam refutar as conquistas teóricas do marxismo sobre a transição.

Por mais desenvolvido que seja um país, e este não era o caso de Rússia, China e Cuba, o nível de desenvolvimento de sua indústria não poderia sequer oferecer "a cada um segundo o trabalho realizado".

As formas de propriedade, privada ou coletiva, podem fazer uma profunda diferença quando se trata de redistribuir para a sociedade o trabalho coletivo realizado. A diferença pode estar entre a vida e a morte para milhões de pessoas, basta assinalar que na Rússia a expectativa de vida desceu 48 lugares na classificação do PNUD. Entre 92 e 97, a população diminuiu em 5,7 milhões.

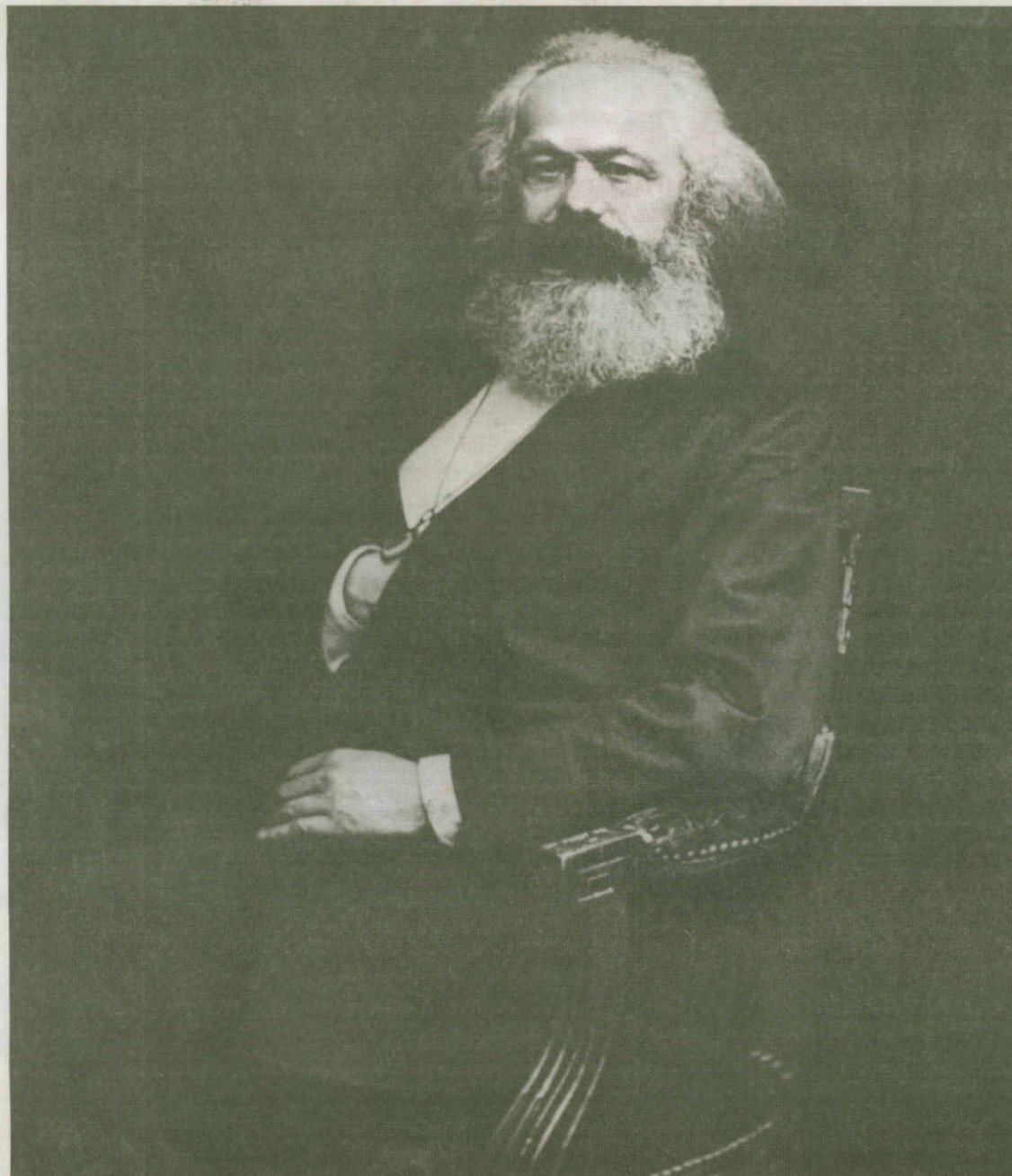
Ultrapassada a barreira da propriedade privada e a garantia das necessidades básicas, o desenvolvimento futuro está determinado pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, não mas à escala de um país, à escala internacional.

A luta pelo socialismo não segue um plano pré-determinado, ela é o resultado da luta entre as classes. O marxismo previa uma transição ao socialismo que se iniciaria em países de grande desenvolvimento tecnológico, mas o poder foi alcançado em países periféricos. Dessa forma, o regime soviético não poderia ser considerado socialista, mas de transição entre o capitalismo e o socialismo. A ditadura do proletariado, como assinala Trotsky, seria uma ponte entre a sociedade burguesa e socialista.

E a passagem de um estado a outro seria o resultado da extensão da revolução aos países adiantados. O que equivale a dizer que o caráter da transição não estava resolvido pela história.

O imperialismo unificou o planeta pela economia mundial, aprofundando a desigualdade entre os países. O socialismo deve partir dessa realidade, a existência do capitalismo como um sistema mundial, para poder superá-lo. O poder à escala nacional inicia a transição em direção à destruição do imperialismo. No entanto, essa transição foi interrompida por uma contra-revolução. Esse foi o significado mais profundo do papel da burocracia soviética.

Mas, *"o socialismo demonstrou o seu direito à vitória não nas páginas de* O Capital*"*, afirmava Trotsky. Ao compararmos o significado da expropriação da burguesia, basta que assinalemos que um país atrasado como a Rússia, com 90% de analfabetos em 1917, com um PIB *per capita* que era 10% do norte-americano, depois de arrasada na II Guerra Mundial, saiu como a segunda potência industrial do planeta e com um PIB per capita que alcançou 47% do norte-americano. Hoje, não chega a 7%. Um retrocesso de cem anos!

As novas gerações de lutadores têm uma grande tarefa pela frente: atualizar o programa, aprender com os erros. Mas, diferente de Arão Reis, não partimos da premissa de que *"o socialismo contemporâneo encontra-se numa crise terminal"*. Ao contrário, partimos da premissa que nos propõe Trotsky: *"Caso a URSS viesse a fracassar, fruto de dificuldades internas, golpes externos e erros da direção (coisa que, esperamos nós, não aconteça), restaria, como garantia do futuro, o fato inabalável de que, somente graças à revolução proletária, um país atrasado deu, em menos de duas décadas, passos sem precedentes na História"*.

Karl Marx

TRABALHADORES E ESTUDANTES VÃO ÁS RUAS NO RIO E EM CURITIBA

FOTO ALAOR FILHO / AG. ESTADO

Foto aérea da passeata na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro

YARA FERNANDES*

O calendário de atos organizado pela Conlutas nas principais capitais do país continua levando os trabalhadores e a juventude para as ruas contra o governo e o Congresso. No dia 21, foi a vez de Curitiba protestar, levando cerca de mil pessoas ao ato. No dia 22, as ruas do Rio de Janeiro foram ocupadas por 2.500 pessoas, repetindo o sucesso de outras grandes capitais, como São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Nesse momento em que a oposição de direita, o Congresso e o governo se unem para que os escândalos de corrupção terminem em pizza, os trabalhadores saem às ruas, relacionando suas lutas específicas com a luta contra a corrupção que se instalou em Brasília. Os setores em greve ou campanha salarial têm tido uma participação importante nos atos chamados pela Conlutas contra a corrupção e as reformas neoliberais.

Em todos os atos, o grito pelo Fora Todos!, levantado pelo **PSTU**, contagiou os manifestantes e a população que acompanhou as mobilizações.

RIO DE JANEIRO: 2.500 CONTRA O GOVERNO E O CONGRESSO

No Rio de Janeiro, a concentração foi na Candelária, a partir das 16 horas, de onde os 2.500 manifestantes partiram em passeata com destino à Cinelândia. O protesto tomou a avenida Rio Branco com muitas faixas e bandeiras, com cuecões, máscaras e um boneco de Lula, que depois foi queimado pelos estudantes.

Os servidores federais em greve marcaram forte presença, com colunas organizadas e camisas da greve: Colégio Pedro II, docentes e técnico-administrativos da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Sintur - UFRRJ) e funcionários da UFRJ que aprovaram em assembléia, a contra-gosto da direção do sindicato, participar do ato. Também foi numerosa a presença de categorias mobilizadas pelas oposições sindicais ligadas à Conlutas: bancários (que haviam feito paralisação naquele dia), correios, petroleiros, justiça federal, funcionários em edifícios e urbanitários.

O governo estadual de Rosinha Garotinho também foi muito criticado pelo funcionalismo estadual, que esteve em grande número. A juventude foi muito expressiva e animada, reunida principalmente em torno da Conlute (Coordenação de Luta dos Estudantes), com a presença de secundaristas, centros acadêmicos e DCE's, entre eles os da UFRJ, UFF, UFRRJ e da Estácio Nova América.

Zé Maria, da direção nacional do **PSTU**, esteve presente no ato carioca e falou no carro de som que *"não podemos aceitar a oposição de mentirinha, o bloco PSDB-PFL é igual ao do PT. Temos que pôr para fora o Lula, PT, PFL, PSDB e, através de nossa luta e mobilização, construir um governo socialista dos trabalhadores que faça a reforma agrária, pare de pagar a dívida externa e governe para os trabalhadores"*.

ATO DE CURITIBA SURPREENDE REQUIÃO

Estudantes saem em grupo para ato de Curitiba

Em Curitiba (PR), cerca de mil pessoas saíram às ruas contra a corrupção do governo e do Congresso e contra as reformas. O ato, convocado por Conlutas, Conlute e diversos sindicatos e entidades, reuniu manifestantes de todo o estado e contou com uma forte presença da juventude e das categorias em luta, como os funcionários dos Correios e os bancários.

A passeata percorreu as principais avenidas até o Palácio do Iguaçu, sede do governo estadual, depois de uma parada em frente a um piquete da greve de bancários. Para surpresa de todos, o governador Roberto Requião (PMDB) estava fazendo um discurso para membros da Federação dos Trabalhadores da Agricultura, entidade ligada à CUT e CONTAG. O ato da Conlutas seguiu até a frente do Palácio, interrompendo o discurso de Requião. Antes de fugir para seu gabinete, o governador, da base de apoio de Lula, fez uma fala provocativa, tentando criar um confronto entre os trabalhadores e os estudantes.

Requião chamou os estudantes de 'vagabundos' e 'filhinhos de papai' e estimulou os agricultores a agredirem e expulsarem os estudantes. O chamado à violência não teve muita adesão, a não ser por uns poucos dirigentes da federação. Os manifestantes passaram a cantar palavras de ordem pelo Fora Todos, colocando o governador como um dos responsáveis pela situação dos trabalhadores do país, sejam da cidade ou do campo.

** Colaboraram: Gilberto Marques (Rio de Janeiro), Bento José e Rosi Leny (Curitiba)*

CALENDÁRIO DOS PRÓXIMOS ATOS

Recife - *28/9*
Natal - *30/9*
Goiânia - *6/10*
Porto Alegre - *8/10*
Belém - *13/10*
Fortaleza - *13/10*
Brasília - *16/10*

DIA 17 DE OUTUBRO: MOBILIZAÇÃO LATINO-AMERICANA PELA NACIONALIZAÇÃO DO GÁS E DO PETRÓLEO!

Ocorreu em La Paz (Bolívia), entre 12 e 14 de agosto, o "Encontro Continental pela Nacionalização dos Hidrocarbonetos na Bolívia, Contra as Privatizações e em Defesa da Soberania Nacional de Nossos Povos". No Encontro, participaram 272 delegados de 15 países. O PSTU e a Conlutas estiveram presentes, assim como diversas organizações da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI).

O encontro convocou uma jornada internacional pela nacionalização para o dia 17 de outubro. Nesse dia, aniversário da derrubada do ex-presidente Lozada na Bolívia, estarão ocorrendo atos em diversas cidades latino-americanas. No Brasil, a jornada tem mais um eixo, que é o combate ao novo leilão dos poços de petróleo, marcado pelo governo Lula.